

## **RESENHA**

### **QUESTÃO AGRÁRIA, INDUSTRIALIZAÇÃO E CRISE URBANA NO BRASIL**

Autor: Ignácio Rangel

Organização e Prefácio de José Graziano da Silva.

Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

Nesta coletânea, organizada pelo Professor José Graziano, temos a possibilidade de tomar contato com as originais idéias deste grande pensador que foi Ignácio Rangel. Autodidata em economia, o texto surpreende não somente pela originalidade das idéias, mas também pela atualidade que possuem, ainda que seus primeiros trabalhos tenham sido escritos nos anos 50. Talvez, a surpresa, para os que pouco tiveram contato com sua produção, está no fato de reconhecer ali interpretações e propostas que foram incorporadas por importantes pensadores atuais da questão agrária brasileira e hoje, sem nos darmos conta, difundimos muitas de suas idéias sem nem mesmo reconhecer a autoria. Esse é, portanto, um dos méritos da coletânea organizada e prefaciada pelo Professor Graziano, que além de nos oferecer num mesmo trabalho textos dispersos de Rangel, nos permite dar crédito a muitas das interpretações sobre o desenvolvimento capitalista da agricultura que circulam nos textos e debates atuais.

Assim, como o próprio título da obra já revela, a intenção do organizador foi selecionar os textos sobre a questão agrária e suas relações com a industrialização e urbanização brasileira. Por esse critério são selecionados quatorze textos, organizados cronologicamente a partir da data de publicação, iniciando-se com “Industrialização e agricultura”, de 1955, e terminando com “A queimada e a ecologia” de 1989, seu último texto sobre a questão agrária. Rangel faleceu em 1994, conseqüência dos problemas cardíacos que o acometeu desde os anos 70.

Naquele primeiro trabalho, um dos principais escritos publicados, nos ensina o maranhense de São Luís, que as relações entre a agricultura e a indústria durante o processo de industrialização, implica na dissolução de uma estrutura produtiva quase que auto-suficiente e na apropriação urbana/industrial de certas atividades. Ou seja, para Rangel, o

processo de industrialização seria um processo de desorganização de uma economia natural para a organização da produção em outras bases, agora industrial.<sup>1</sup>

Desde de cedo, em seus trabalhos, Rangel jamais se esquivou de defender suas idéias, ainda que isso significasse discordar de companheiros de luta do mesmo campo político. No final dos anos 50 e início dos 60, quando parecia consensual que para modernizar a agricultura brasileira seria preciso uma Reforma Agrária, para acabar com o latifúndio improdutivo e não permitir que a agricultura representasse um obstáculo ao pleno desenvolvimento capitalista brasileiro, Rangel argumentava que outra via seria possível, levando à modernização da agricultura sem que fosse necessária uma prévia reforma agrária. Foi o que a realidade acabou demonstrando.

Isso não significava, entretanto, uma postura de um anti-reformista, mas a posição de um pensador que reconhecia que as forças pró-reforma eram politicamente incapazes naquele momento de conquistá-la. Mais ainda, Rangel sempre apontou que, apesar de ser uma via possível, seu resultado significaria a oferta crescente de uma população sobrando no campo que, embora migre para a cidade, não encontrará emprego, e agravará a questão urbana, intimamente ligada portanto a origem de nosso próprio desenvolvimento. Dizia Rangel, quando nosso DI industrial deixar de ser artesanal esses migrantes encontraram ainda menos emprego. Como nos campos de futebol depois da vitória de seu time, se estivesse vivo, Rangel poderia levantar a tabuleta com os dizeres: Eu já sabia!

Dos quatorze textos selecionados o prefaciador sintetiza as três principais contribuições de Rangel para o entendimento da questão agrária brasileira: a desagregação dos complexos rurais, de que o preço da terra no Brasil é um problema eminentemente financeiro e de que a crise urbana tinha suas raízes no campo, em virtude da forma como se encaminhou a modernização de nossa agricultura.

Na questão da desagregação dos complexos rurais e suas implicações na constituição do mercado interno, pressupostos para o próprio desenvolvimento capitalista brasileiro, temos uma clara influência de Lênin. Naquela desagregação temos, portanto, de um lado uma agricultura que se especializa, ficando basicamente com a parte biológica do

---

<sup>1</sup> Essa idéia foi incorporada por José Graziano da Silva e Ângela Kageyama como sendo a passagem de uma dinâmica comanda pelos complexos rurais para outra, comanda pelos complexos agroindustriais. Os autores citam não somente Rangel, como também Gilberto Paim, outro devedor de Rangel.

processo produtivo, enquanto que as atividades que dela saem, constitui-se novos ramos da indústria. Nesse processo, o que assistimos então, é a internalização na economia brasileira tanto de segmentos produtores de bens de consumo como de produção, e nesse caso, como explica Rangel, deixamos de ter um DI artesanal para agricultura.

A segunda contribuição, de acordo com Graziano, é a proposição de que “o preço da terra no Brasil é um problema eminentemente financeiro”. Ou seja, não era o poder político dos latifundiários que determinava o elevado preço da terra, mas, ao contrário, este preço elevado é que era a base da sustentação daquele poder, já que gerava riqueza patrimonial alimentada pelo processo inflacionário. Nesse caso, para ele, derrubar esse preço da terra implicaria numa reforma agrária.

A terceira contribuição de destaque de Rangel diz respeito a associação da crise urbana à agrária. Ou seja, é através da compreensão da via em que se deu o desenvolvimento capitalista no campo brasileira é que se encontra as raízes para explicar a crise urbana, que desde o ano 80 se manifesta de maneira aguda. Portanto, se de um lado Rangel já apontava nos anos 50 que não seria preciso uma reforma agrária para que se tivesse a modernização da agricultura brasileira, por outro, o caminho seguido levaria a super-população rural a constituição dos *lumpem* urbanos. Nesse momento, indica Rangel numa aparente contradição, não há mais como fugir, é preciso fazer a reforma agrária. Mas isso, para o nosso pensador, não é mistério, já que o desenvolvimento capitalista está sempre repondo novas contradições na medida em que vai resolvendo as velhas.

Por último, além dos textos de Rangel, encontramos em apêndice um texto do Professor Paulo Davidoff Cruz, também professor do Instituto de Economia da Unicamp. Elaborado a partir de sua dissertação de mestrado, defendida em 1980, o Professor Davidoff faz um excelente resumo crítico das principais contribuições do autor, usando não somente as idéias apresentadas em textos sobre a questão agrária brasileira, mas principalmente em seu trabalho *A inflação brasileira*, publicado em primeira edição em 1963.

Enfim, para os que não conhecem as idéias de Rangel, fato comum entre os alunos de economia de hoje, e mesmo para os que são iniciados na originalidade de um pensador que não tinha preconceito em buscar uma heterodoxia responsável e temor em expor suas

idéias, este livro é fundamental num momento onde o pensamento hegemônico tenta nos vender a idéia de que o caminho a seguir é único.

*Antonio Cesar Ortega*  
Professor do Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia